

**livros**





## Relatos pandêmicos: a agonia da pandemia e o negacionismo bolsonarista

---

*Muriel Emídio Pessoa do Amaral*

---

*Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus,  
de Luiz Henrique Mandetta, São Paulo, Objetiva, 2020, 228 p.*

**E**ste livro é uma coletânea de relatos. E, justamente por ser um relato, como apontou Maurice Blanchot, em *O livro por vir*<sup>1</sup>, não há a intenção de construir um conceito ou qualquer epistemologia fundamentada. Os relatos são feitos no calor do momento em que ocorrem e podem ser compreendidos, pela posteridade, como fontes históricas acerca dos acontecimentos. Em outra perspectiva, o relato, como apresenta o saudoso professor Ciro Marcondes Filho<sup>2</sup>, é o produto da relação entre o sujeito e os acontecimentos, é a fruição dessa interface para construir uma relação sinestésica. Até mesmo Hannah Arendt<sup>3</sup> recorreu

à composição dos relatos para expor a ideia da banalidade do mal quando percebeu que Adolf Eichmann não era um sujeito atroz, mas uma pessoa absurdamente medíocre e banal. Arendt não quis criar um conceito quando elaborou a ideia da banalidade do mal, ela quis mostrar que o mal não é uma arquitetura diabólica, mas pode ser praticado e reverberado por sujeitos convencionais que preenchem o dia a dia de qualquer sociedade. Os relatos são importantes porque retratam acontecimentos que nem sempre se apresentam diante de todos os olhares.

Luiz Henrique Mandetta tinha conhecimento desses posicionamentos acerca dos relatos para escrever *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus?* Talvez não, mas isso é o que menos importa. A intenção de apresentar as ideias acima é, primeiramente, de apontar que o

---

1 São Paulo, Martins Fontes, 2013.

2 *O princípio da razão durante – comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Nova Teoria da Comunicação III – Tomo I*, São Paulo, Paulus, 2011.

3 *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

---

**MURIEL EMÍDIO PESSOA DO AMARAL**  
é professor colaborador do mestrado em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e bolsista Capes.

relato é o resultado da experiência entre o acontecimento e o sujeito, suas impressões e suas vivências, e que relatar pode trazer cargas subjetivas, mas que não podem ser descartadas nas análises das conjunturas sobre os acontecimentos, principalmente durante a catastrófica campanha do governo brasileiro no enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus e o negacionismo de Jair Bolsonaro.

Os relatos, do ponto de vista historiográfico, tornam-se inventários das impressões acerca dos acontecimentos, além de descortinar faces da realidade que são escondidas por uma questão de poder e silenciamento. Mesmo transitando entre a própria relação e a agonia de se sentir solitário na empreitada pandêmica, os relatos de Mandetta se fazem necessários e precisam ser apreciados.

Todo o desdém que Bolsonaro pretendia ocultar debaixo do tapete durante a pandemia, Mandetta trouxe à tona; e os exemplos são muitos. Pela visão de Mandetta, Bolsonaro se cercou apenas daqueles que fossem ao encontro das suas propostas, e todos aqueles que pisassem fora da linha seriam desligados dos seus cargos. Durante a pandemia, Mandetta foi o primeiro da fila e, depois, Sergio Moro, então ministro da Justiça, deu sequência aos que receberam as contas. Ou seja, a crise não se limitou apenas às questões sanitárias, mas também serpenteou pela seara política.

Mandetta é médico, foi deputado federal por dois mandatos pelo Mato Grosso do Sul e, desde 2019, assumiu o Ministério da Saúde a convite do presidente Jair Bolsonaro, cargo que exerceu até ser demitido em abril de 2020, quando entrou em rota de choque com o próprio presidente. Enquanto Mandetta defendia o isolamento social e outras medi-

das sanitárias para conter o avanço do novo coronavírus, Bolsonaro tremulava a bandeira de remédios ineficientes para o combate à covid-19 e clamava pela volta o quanto antes das atividades do setor produtivo e do comércio. Mesmo apresentando medidas sensatas e científicas para lidar com a pandemia, em alguma medida, Mandetta também é responsável pela ascensão de Bolsonaro à Presidência e, conseqüentemente, pelo cenário tétrico da pandemia no Brasil. Ainda nos primeiros capítulos, ele assume que votou em Jair Bolsonaro para presidente, o que, a meu juízo, não é exatamente nenhuma novidade ou uma revelação explosiva, uma vez que Mandetta integrou o coro “Tchau, querida!” durante a sessão de votação do *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 na Câmara dos Deputados, votação em que ele assistiu a Jair Bolsonaro dedicar seu voto a um torturador para dar aval aos processos de investigação no Senado.

Muitas qualificações pejorativas podem ser atribuídas a Bolsonaro em razão do seu comportamento antilítúrgico frente aos cargos ocupados durante sua raquítica vida pública; entretanto, Bolsonaro é coerente. Sim, você não leu errado, Bolsonaro é coerente no seu discurso porque nunca defendeu a organização do espaço público, nunca prezou pelo reconhecimento público e político de negros, mulheres e sujeitos periféricos, nunca acatou a pauta da diversidade sexual, nunca se propôs a entender sobre a Constituição brasileira e, em algumas passagens, chegou até a proferir que determinadas mulheres mereciam ser estupradas. A coerência dos seus discursos e práticas foi mantida mesmo depois de ocupar a cadeira do Executivo nacional. Diante disso, nenhum brasileiro pode erguer a voz e afirmar que foi enga-

nado quanto à postura obtusa de Bolsonaro, tampouco Mandetta, com quem dividiu por oito anos espaços no Parlamento brasileiro. Destarte, torna-se quase impossível acreditar que Bolsonaro seria diferente mesmo após receber a faixa presidencial. Em momento algum do livro, Mandetta fez a revisão da sua atitude de oferecer suporte à assunção de Bolsonaro ao Executivo nacional.

Se, por um lado, essa reflexão não houve por parte do ex-ministro, por outro lado, seus relatos não devem ser desmerecidos, ao contrário, Mandetta escancarou acontecimentos que foram silenciados pelo Planalto ao apresentar com precisão cirúrgica datas, horários e nomes de todos os personagens envolvidos em cada movimentação durante os primeiros meses da pandemia e, ainda assim, nem de longe seus relatos se assemelham a discursos vingativos ou rancorosos.

Pelas palavras de Mandetta, junto ao presidente, além dos filhos de Bolsonaro, havia muito mais séquito, admiradores e obedientes do que uma equipe profissional comprometida com políticas para o enfrentamento da pandemia. Segundo seus relatos, não houve uma intenção do presidente de propor campanhas e ações para lidar com a crise sanitária, mas a busca neurótica e obsessiva de descobrir uma fórmula mágica para que a população retornasse o mais rápido possível às atividades laborais, o que nos faz acreditar mais uma vez que Hannah Arendt<sup>4</sup> estava correta quanto à vitória do *animal laborans* ao afirmar que o trabalho é interpretado erroneamente como ação política. E, dentro dessa fantasia infantil criada

pelo presidente, surgiram a cloroquina, o hidróxido de cloroquina e, depois, a ivermectina. A preocupação de Bolsonaro era recuperar a economia, a despeito do número de mortes e doentes que estava em vertiginosa ascensão. Enquanto parte do mundo se propôs a desenvolver vacinas, realizar quarentena e distanciamento social ou pesquisar remédios eficazes para lidar com a doença, Bolsonaro vivia a alucinação da cloroquina, mesmo depois de evidências científicas apontarem a ineficiência da droga para a covid-19.

Uma das passagens mais quixotescas (e por que não vis?) relatadas por Mandetta foram as intenções de alterar a bula quanto ao uso da cloroquina e da hidroxicloroquina. De acordo com o ex-ministro, “o Palácio do Planalto passou a ser frequentado por médicos bolsonaristas” (p. 144) que pretendiam realizar a alteração para que assim as drogas pudessem ser indicadas para o tratamento da covid-19. Pelas palavras dele, a preocupação de Bolsonaro era se cercar de pessoas que dissessem o que ele queria ouvir e, de preferência, que a cloroquina fosse a salvação, já que é um remédio de baixo custo e poderia ser produzido a toque de caixa, tanto que isso aconteceu.

A proposta de não alargar suas perspectivas para além do próprio círculo é uma ideia perpétua nas façanhas de Bolsonaro. Ele tem dificuldade de desenvolver alteridades e contemplar o debate e a discussão pública, por isso é idiota; não apenas no sentido da estupidez, mas sobretudo por não avançar em questões de cunho público, ficando retido ao *idion*, ao individual. E a ideia de acreditar que a morte de algumas pessoas aconteceria ou, como citado por Mandetta, que “só vai morrer quem já ia morrer de qualquer maneira”, foi patente

---

4 *A condição humana*, São Paulo, Forense Universitária, 2018.

no enfrentamento da pandemia. Uma ideia que retrata sem pudor o desejo pulsante de morte da população.

Os detalhes com que Mandetta narra a cadência dos acontecimentos vão ao encontro dos conteúdos veiculados pela imprensa brasileira, ou melhor, por parte dela. Mandetta também relatou a epopeia contra a enxurrada de *fake news* que aconteceu durante a pandemia, além de sugestionar que o chamado “gabinete do ódio” atuava em franca atividade no Planalto. Ele informa que houve uma relação próspera com alguns veículos de comunicação para divulgar medidas para conter o avanço do vírus, bem como também expõe as negociações com prefeitos e governadores adversários políticos de Bolsonaro para negociar medidas sanitárias e manutenção de quarentena mais restritiva. Mesmo coberto de razão em grande parte dos acontecimentos, Mandetta se coloca no

papel de uma figura messiânica e heroica (até mesmo altivo), principalmente no trato com o presidente, por exemplo, quando afirma que tenta “explicar num linguajar bem raso, porque se você falar em um linguajar normal ele [Jair Bolsonaro] não demonstra interesse, não dá atenção” (p. 147).

Em outra passagem, explica didaticamente a diferença entre chefe e líder, exemplificando o sentido das qualidades e tomando para si a de líder e compreendendo Bolsonaro como chefe: “O chefe dá ordens e exige demonstrações públicas de submissão de seus subordinados, porque na verdade é um inseguro, precisa disso para ter a ilusão de que está acima de todos” (p. 175). Errado Mandetta não está, entretanto, foi avisado acerca do quanto poderia ser nocivo dar suporte a figuras como Bolsonaro, o que pode explicar o sorriso pálido da imagem do ex-ministro na contracapa do livro.